

Assimilação fonética do fonema /n/ no espanhol: possível contribuição para a correção da nasalização de vogais

Zelma Amaral da Rosa¹

UFRJ/ PROMUS

Mestrado

SIMPOM: *Teoria e Prática da Interpretação Musical*

zelmaespanhol@gmail.com

Resumo: O presente artigo é a continuação e aprofundamento da pesquisa, realizada por nós, para a confecção do Manual de Dicção do Espanhol para Brasileiros, que teve como principal objetivo, oferecer uma ferramenta prática, direcionada para cantores líricos, regentes corais e outros interessados pela dicção do espanhol. Nossa intenção esteve e continua pautada, na possibilidade de uma publicação, em português, que supra as necessidades específicas do público brasileiro, visto que, outras publicações deste gênero, estão voltadas para o público de língua inglesa e suas diferentes demandas.

Palavras-chave: Dicção do espanhol; Correção da nasalização de vogais; Assimilação fonética.

Phonetic Assimilation of the Phoneme /n/ in Spanish Language: Possible Contribution to the Correction of Vowel Nasalization.

Abstract: This article is a follow up and further research made by us for the Spanish Diction Manual for Brazilians, that had as its main objective offering a practical tool directed to lyric singers, choral conductors and others interested on Spanish Diction. Our intention was, and it is based on the possibility of a publication, in Portuguese, that can supply these specific needs, since other similar publications are directed to the English-Speaking public and their different needs.

Keywords: Spanish diction; Nasal vowel correction; Phonetic assimilation.

1 As dificuldades dos brasileiros na pronúncia do espanhol

Os brasileiros, dependendo da sua região de origem, podem ter ou não, dificuldades com a pronúncia de alguns sons do espanhol. Muitos fonemas do espanhol são inexistentes no sistema fonético do português falado no Brasil². Este fato, por vezes, faz com que o aprendizado da pronúncia do espanhol, por indivíduos brasileiros, seja um pouco lento. Observamos esta ocorrência, principalmente, quando não há uma dedicação, na realização de exercícios específicos, para descondicionar o que chamaremos de resposta fonética

¹ Orientadora: Veruschka Bluhm Mainhard.

² Há pelo menos nove fonemas no espanhol inexistentes no sistema fonético do português falado no Brasil (ROSA, 2019a, p. 11).

automática. Esta resposta ocorre na visualização da grafia da língua a ser cantada e para sua verbalização, o indivíduo recorre, automaticamente, ao sistema fonético de sua própria língua. Observamos também, que esta conduta, se dá na leitura de qualquer língua estrangeira, principalmente, se o indivíduo não tem contato mais íntimo com o sistema fonético da língua estrangeira escolhida. No caso dos brasileiros, se a língua escolhida para cantar for o latim, o italiano ou o espanhol, pela proximidade destas línguas com o português, poderá ocorrer uma acomodação inconsciente, pela “familiaridade” presente na grafia. Há que estar muito atento neste sentido, pois “parecido” não é “igual” e ter a mesma grafia, não significa ter a mesma pronúncia, ou o mesmo significado.

Observamos, *in loco*, o que acabamos de descrever, por três anos e meio consecutivos (de 2016 a 2019), assistindo aos alunos da graduação em canto, da Escola de Música da UFRJ, na disciplina que trata da dicção do espanhol e de outras línguas estrangeiras. Identificamos, em termos gerais, pelo menos, 21 equívocos comuns, na pronúncia do repertório em espanhol (da ROSA, 2019b, p. 56). Estes equívocos podem ser divididos, em dois grupos: dificuldades com a pronúncia de vogais e dificuldades com a pronúncia de consoantes, ou grupo de consoantes, como no caso das assimilações fonéticas de algumas consoantes do espanhol, todas estas, por automatismo da própria língua.

No presente texto, focaremos, em um aspecto específico, que diz respeito à nasalização de vogais, na pronúncia do espanhol realizada por brasileiros. Esta nasalização se dá, quando uma vogal antecede uma consoante nasal³. Abordaremos também, a questão da assimilação fonética do fonema /n/ no espanhol e de como a compreensão desta assimilação pode servir no auxílio da correção da nasalização das vogais. E, para entender como ocorre a resposta fonética automática, descreveremos, brevemente, como ocorre o aprendizado de uma língua, seja ela natal ou estrangeira.

2 A pronúncia nasce no ouvido

Para saber o porquê das possíveis dificuldades de pronúncia, que um indivíduo pode apresentar ao cantar, ou falar uma língua estrangeira (ou em sua própria língua), precisamos, antes, compreender como o indivíduo aprende sua língua materna e posteriormente, uma segunda língua. Não trataremos aqui, do caso de indivíduos que nascem

³ O que observamos acontecer, também, na pronúncia do latim e do italiano, que como o espanhol, teoricamente, não possuem vogais nasais em seu sistema fonético. Alguns foneticistas espanhóis sinalizam uma pequena nasalização das vogais do espanhol em contato com consoantes nasais. Por motivos didáticos, optamos em nossos exemplos e transcrições fonéticas, não seguir esse modelo, evitando assim, um falso paralelismo entre a pronúncia do espanhol e do português falado no Brasil.

em ambientes bilíngues. Teremos como pressuposto, o indivíduo que nasce e se desenvolve num ambiente de uma única língua.

Segundo o pesquisador e otorrinolaringologista francês, Alfred Tomatis, o primeiro contato com a língua natal, se dá, através da audição, ainda no útero materno e começa, aproximadamente, na 18ª semana de gestação, quando o complexo auditivo do embrião já está formado.

As abordagens anatômico-fisiológicas indicam que a partir do quarto mês e meio de vida intrauterina, o feto era capaz de reagir aos sons, que lhe eram dirigidos. Especifiquemos que nessa idade, o ouvido está normalmente constituído. Está concluído no plano anatômico, no tocante ao ouvido interno e aos ossículos. O aparelho labiríntico atingiu um tamanho adulto. Após a mielinização⁴ do primeiro, o nervo auditivo entra em funcionamento, passando assim a fase ativa, a que se manifesta, a partir do momento, em que o embrião começa a mexer e se transforma em feto, isto é, aos quatro meses e meio de vida uterina. (TOMATIS, 1999, p. 35).

Posteriormente ao nascimento, o indivíduo continuará no processo de acumular informações sonoras, até o momento, em que começará reproduzir sons por experimentação e imitação, culminando nas primeiras tentativas em reproduzir palavras. É importante ressaltar, que a fonação depende muito do modo de percepção auditiva. Qualquer modificação registrada, neste último nível, desencadeará uma modificação correlativa dos parâmetros que definem a fonação: o timbre, o ritmo, a intensidade (TOMATIS, 1999b, p. 144, tradução nossa)⁵, elementos estes, que determinarão futuramente sua qualidade.

Paralelamente, desenvolve-se também o sentido da visão e com este, a associação de sons (e palavras) com imagens. Mais tarde, após o processo de alfabetização, passará a existir a inter-relação entre som, imagem e grafia. E, é nesta fase, que começa a formação de uma memória automática, que relaciona grafia (visão/leitura) e pronúncia (fonação), culminando, no que chamamos de resposta fonética automática.

Falando um pouco mais sobre audição, sabemos o quanto esta é, também, essencial na comunicação humana, não apenas, porque ouvir/escutar (perceber)⁶ proporciona compreender a mensagem, na fala de terceiros, mas também, porque é a percepção auditiva, que regula a produção vocal (OLIVÉ, 1999, p. 63)⁷ e, portanto, uma boa dicção relaciona-se

⁴ Formação da bainha miélica pelas fibras nervosas, no período de desenvolvimento. Para informações detalhadas, consultar <<http://www.scielo.br/pdf/anp/v46n3/10.pdf>>. Acesso em 01 de agosto de 2019.

⁵ “*La phonation se trouvant être étroitement dépendante du mode de perception auditive. Toute modification enregistrée à ce dernier niveau va déclencher une modification corrélative des paramètres qui définissent la phonation: le timbre, le rythme, l'intensité, etc.*”

⁶ Alfred Tomatis sedimenta parte de sua obra na diferença entre ouvir e escutar.

⁷ Tradução e adaptação de nossa autoria.

diretamente, com uma boa percepção auditiva. O que OLIVÉ afirma, no 3º capítulo de seu livro, nada mais é do que, a 1ª lei do “Efeito Tomatis” e se resume, na seguinte afirmação: “A voz só contém o que o ouvido é capaz de ouvir”⁸. Em 1950, após alguns anos de investigação, no exercício da medicina do trabalho, TOMATIS relata em seu livro, *O ouvido e a linguagem*, a descoberta que culmina, na 1ª lei científica, base de toda sua obra:

O paralelismo entre audição e fonação tem sido tão constante, que fomos naturalmente, induzidos a traduzi-los, em uma fórmula que é, sem dúvida, muito direta e que simplesmente, sublinha um fato fundamental: a voz reproduz apenas o que o ouvido ouve. Em outras palavras, um sujeito não sabe executar com exatidão mais do que aquilo que é capaz de controlar. Aqui também se trata de uma evidência, entretanto, devemos ao trabalho no laboratório, ousar afirmar isso. Esta regra, como todas as regras, tem uma exceção. De fato, se o sujeito não pode emitir mais do que aquilo que ouve, muito menos emite tudo o que ouve. Essa limitação leva em conta as impossibilidades do nosso sistema fonatório, que é incapaz de reproduzir todos os sons, que um ouvido humano pode detectar, especialmente, nos extremos agudos⁹ e isso, simplesmente, por incapacidade funcional. (TOMATIS, 2008, p. 77, tradução nossa)¹⁰.

A partir desta comprovação, entendemos o porquê das dificuldades de dicção, que se apresentam, durante o processo de aprendizagem da própria língua, ou de uma língua estrangeira, pois estão primeiramente, relacionadas com uma boa ou má decodificação da mensagem fonética recebida. Concluímos, então, que uma dicção correta começa com a compreensão auditiva e a partir desta constatação, questionamos, até que ponto, utilizar apenas a transcrição fonética, sem exercícios práticos de pronúncia que ajudem a relacionar símbolo fonético e seu som específico, é eficaz para realização de uma boa pronúncia.

⁸ “Ou numa linguagem mais científica, a laringe só emite os harmônicos que o ouvido consegue ouvir. Foi a esse fenômeno que Raoul Husson, especialista em psicofisiologia da voz, deu o nome de “Efeito Tomatis”, numa comunicação na Academia das Ciências Francesa, a 25 de março de 1957. Sob o impulso do professor Monnier, Husson verificou no laboratório de fisiologia da Sorbonne o fato que havia sido assinalado por mim em 1952, e depois em 1954.” (TOMATIS, 1994, p. 178).

⁹ A audição humana tem um limite estimado entre 20 e 20.000 Hertz.

¹⁰ “*Il parallelismo fra udito e fonazione si è dimostrato così costante che siamo stati indotti a riassumerlo in una formula, indubbiamente troppo diretta, ma che vuole solo sottolineare un fatto fondamentale: la voce non riproduce che quello che l'orecchio ode. In altre parole, un soggetto sa riprodurre con certezza che quello che è in grado di controllare. Ancora in questo caso si tratta di un'evidenza e se abbiamo osato sostenerla lo dobbiamo al lavoro in laboratorio. Questa regola, come tutte le regole, comporta un'eccezione. In effetti, se il soggetto non può emettere che ciò che ode, non lo emette però tutto. Questa limitazione tiene conto delle impossibilità del nostro complesso fonatorio che non è in grado di riprodurre tutti i suoni che un orecchio umano distingue, principalmente nei massimi acuti e solo per incapacità funzionale; nel contempo rivela che l'esame dell'udito esige, oltre alle prove classiche, la ricerca della banda preferenziale d'ascolto, propria a ciascun individuo in un momento dato.*”

O que acontece é que além da decodificação sonora, decodificamos também, através da perspectiva visual e esta predomina quando lemos, gerando automaticamente, um paralelismo visual entre a grafia de uma palavra, ou sílaba, e seu som correspondente. Na leitura de uma língua estrangeira, onde se tem pouco estudo desta língua, irá predominar a resposta cerebral, que recorre ao sistema fonético da língua natal para pronunciar o que está sendo lido. O indivíduo fará esta associação de forma automática e inconsciente. Tomaremos como exemplo, a palavra *abriendo*¹¹, presente na canção *La Rosa y el Sauce*, poesia de Francisco Silva e música de Carlos Guastavino. O que iremos observar são duas possibilidades de resposta automática: no primeiro exemplo temos a pronúncia correta, de um nativo de língua espanhola, ou de um indivíduo de outra origem que já tenha integrado corretamente, a correspondência entre símbolo fonético e som. No segundo exemplo, temos a pronúncia de um indivíduo brasileiro, com pouco contato com o espanhol e que não tem ainda, totalmente integrada, a correspondência citada.



Exemplo 1: transcrição fonética da pronúncia correta da palavra *abriendo*.



Exemplo 2: transcrição fonética da pronúncia “abrasileirada” da palavra *abriendo*.

3 Concebendo exercícios utilizando a assimilação fonética do fonema /n/

Ao tomarmos conhecimento da fonética do espanhol, no período de nossa pesquisa de mestrado, começamos a elaborar e colocar em prática com nossos alunos¹², exercícios com a escuta da pronúncia de nativos com boa dicção (para uma referência sonora exata), exercícios de articulação fonética de fonemas específicos do espanhol, além de

¹¹ Escolhemos esta palavra porque se encaixa na problemática da nasalização vocálica, na pronúncia de indivíduos brasileiros ao pronunciar o espanhol.

¹² A formação completa em ELE (Espanhol Língua Estrangeira), concluída na Casa de Espanha do Rio de Janeiro, nos permite desde 2006 até o momento, ministrar classes desta língua para alunos particulares de todos os níveis. Porém, esta formação não aprofunda o conhecimento fonético da língua. Começamos a adquirir um conhecimento mais profundo da fonética do espanhol no momento da pesquisa de mestrado.

exercícios com repetição de palavras com estes fonemas. Percebemos de imediato, que depois de algumas aulas, a pronúncia dos alunos ficou mais fluida e com menos influência da entonação da pronúncia do português brasileiro.

Ao começarmos a explicar e aplicar exercícios falados com a realização das assimilações fonéticas do fonema /n/, percebemos que a nasalização das vogais, na pronúncia de palavras espanholas, que sofrem as assimilações citadas, diminuiu consideravelmente em alguns alunos, e com alunos, que estudavam há mais tempo, os resquícios de nasalização “à moda brasileira”, desapareceram por completo.

A assimilação fonética é um processo pelo qual, um segmento (consoante ou vogal) adquire traços de outro segmento, tornando-se mais similar a este. A maioria das assimilações são regressivas (HUALDE, 2014, p. 98), ou seja, o fonema (segmento) assimila algum aspecto da articulação do fonema que o sucede. No espanhol, a assimilação fonética ocorre de forma regressiva, entre vários encontros consonantais, não importando se este encontro consonantal se dá entre sílabas, ou entre palavras. As consoantes que sofrem assimilação fonética no espanhol são as consoantes *l*, *n*, *s* e *z*.

Os foneticistas espanhóis atuais costumam especificar todas as assimilações fonéticas de sua língua, recorrendo a sinais diacríticos, mesmo nas transcrições fonéticas amplas¹³, para facilitar a compreensão e a pronúncia do espanhol para falantes de outras línguas. Optamos por seguir este modelo de transcrição, para ressaltar as diferenças da pronúncia entre o espanhol e o português brasileiro, já que estas duas línguas possuem muitas palavras homógrafas¹⁴ e sinônimas¹⁵, mas com pronúncias diferentes, evitando assim o paralelismo visual e a resposta fonética automática.

Um exemplo de assimilação fonética de ordem dental (no espanhol), pode ser encontrado na palavra *balde*, palavra de mesmo significado e grafia no português. Veremos que esta palavra apresenta assimilações fonéticas diferentes nas duas línguas, resultando em pronúncias distintas: [ˈbaw.ð̃zi] no português brasileiro e [ˈbaɫ.de] no espanhol. Visualizando estas duas possibilidades de transcrição fonética da palavra *balde*¹⁶, percebemos que no

¹³ A transcrição fonética ampla identifica os sons produzidos de uma forma geral, utilizando um conjunto menor de símbolos fonéticos. Exemplo: quilo [ˈkilo]. Em contrapartida, a transcrição fonética restrita explicita todos os detalhes observados articulatoriamente. Exemplo: quilo [ˈkʲiːl̪]. (SILVA, 2001, p. 36).

¹⁴ Palavras que possuem a mesma grafia.

¹⁵ Palavras que possuem mesmo significado.

¹⁶ Nos nossos exemplos para a transcrição fonética do português, estaremos de acordo com às representações fonéticas sugeridas no artigo *PB Cantado – Normas para a pronúncia do português brasileiro no canto erudito*, revista *Opus*, vol. 13, número 2, de dezembro de 2007.

português brasileiro os fonemas /a/ e // assimilam-se, gerando o ditongo [aw], onde o fonema // assimila o ponto de articulação do fonema anterior, um fonema vocálico, convertendo-se no alofone¹⁷ [w]. No espanhol, o fonema // assimila o ponto de articulação do fonema posterior /d/ ([d̞])¹⁸, mudando seu ponto de articulação original de alveolar [l] para dental, convertendo-se no alofone [l̞].

Um dos nossos exercícios¹⁹ propostos para correção da nasalização na pronúncia do espanhol consiste na conscientização sinestésica. Esta primeira etapa, que consideramos fundamental, é sentir as articulações que produzem assimilação fonética no espanhol. Saber apenas teoricamente culminará, com certeza, nos paralelismos já citados, e como consequência numa pronúncia incorreta. Esta etapa fundamental consiste primeiro, em identificar e anotar todas as palavras (ou encontro de palavras)²⁰ do texto espanhol estudado, onde a consoante *n* sofre assimilação fonética. Feito isto, deve-se anotar apenas as consoantes da assimilação fonética ocorrida, e trabalhar individualmente o ponto de articulação específico de cada assimilação. A partir deste ponto, como este exercício é realizado? Começamos sempre pelo reconhecimento sinestésico da consoante que exerce influência articulatória na consoante *n*. Tomemos como exemplo, o caso onde a consoante *n* assume a articulação dental (*-nd* ou *-nt*), como na palavra *abriendo*. Devemos primeiro exercitar a articulação de *d*, repetindo-a várias vezes isoladamente, para assimilá-la sinestesticamente. O segundo passo consiste em fazer a posição anatômica da articulação de *d*, ponta da língua totalmente encostada nos dentes frontais superiores, e nesta posição articular a consoante *n*. Em seguida, acrescentar a consoante *d* e pronunciar *-nd*, juntos, no mesmo ponto articulatório. Desta forma poderemos tomar consciência de como ocorre, na prática, essa assimilação.

4 Assimilação fonética do fonema /n/ no espanhol

O fonema nasal alveolar vozeado /n/ é o que sofre maior número de assimilações fonéticas no espanhol, totalizando um número de oito alofones. Essas assimilações são de articulação bilabial, labiodental, velar, palatizada, dental, palatal, avançada (ou interdental) e uvular (ROSA, 2019b, p. 93 e 157).

¹⁷ Alofone: variante sonora de um mesmo fonema.

¹⁸ As consoantes *d* e *t* em espanhol são de articulação dental e os seus fonemas são representados foneticamente com o sinal diacrítico de dentalização [̞]: [d̞] e [t̞].

¹⁹ Estes exercícios servem como base também para as assimilações fonéticas das consoantes, *l*, *s* e *z*.

²⁰ Podemos visualizar estes exemplos nos quadros do próximo tópico deste artigo.

ALOFONE NASAL DENTAL VOZEADO		
SÍMBOLO	CONTEXTO DE APARIÇÃO	EXEMPLO
[ɲ]	Antes de fonema oclusivo dental desvozeado [t̪] [n] + [t̪] = [ɲt̪] ou [ɲ̃t̪]	<i>contento</i> [koɲ.'teɲ.to]
		<i>un toro</i> [uɲ.'to.ro]
	Antes de fonema oclusivo dental vozeado [d̪] [n] + [d̪] = [ɲd̪] ou [ɲ̃d̪]	<i>donde</i> ['do.ɲde]
		<i>en deuda</i> [eɲ.'deu.ða]

Quadro 1: exemplos de assimilação fonética de articulação dental. Quando se assimila aos fonemas [t̪] ou [d̪], o fonema /n/ converte-se no alofone [ɲ].

ALOFONE NASAL VELAR VOZEADO		
SÍMBOLO	CONTEXTO DE APARIÇÃO	EXEMPLO
[ŋ]	Antes de fonema oclusivo velar desvozeado [k] [n] + [k] = [ŋk]	<i>encuentro</i> [eɲ.'kweɲ.tro]
		<i>un cantor</i> [uɲ.kan.'tor]
	Antes de fonema oclusivo velar vozeado [g] [n] + [g] = [ŋg]	<i>inquietud</i> [iɲ.kje.'tuð]
		<i>un querer</i> [uɲ.ke.'rer]
	Antes de fonema fricativo velar desvozeado [x] [n] + [x] = [ɲx]	<i>angustia</i> [aɲ.'gus.tja]
		<i>un gorrión</i> [uɲ.go.'rjon]
	<i>ángel</i> ['aɲ.xel]	
	<i>en Jaén</i> [eɲ.xa.'en]	

Quadro 2: exemplos de assimilação fonética de articulação velar. Quando se assimila aos fonemas /k/, /g/ ou /x/, o fonema /n/ converte-se no alofone [ŋ].

ALOFONE NASAL PALATIZADO VOZEADO		
SÍMBOLO	CONTEXTO DE APARIÇÃO	EXEMPLO
[nʲ]	Antes de fonema africado palatal desvozeado [tʃ] [n] + [tʃ] = [nʲtʃ]	<i>anchura</i> [an.ʲ.tʃu.ra]
		<i>un chorro</i> [un.ʲ.tʃo.ro]

Quadro 3: exemplos de assimilação fonética de articulação palatizada. Quando se assimila ao fonema /tʃ/, o fonema /n/ converte-se no alofone [nʲ].

ALOFONE NASAL AVANÇADO VOZEADO		
SÍMBOLO	CONTEXTO DE APARIÇÃO	EXEMPLO
[n̠]	Antes de fonema fricativo dental desvozeado [θ] [n] + [θ] = [n̠θ]	<i>encina</i> [en̠.θi.na]
		<i>cien zorros</i> [θjen̠.θo.roʃ]

Quadro 4: exemplos de assimilação fonética de articulação avançada (ou interdental). Quando se assimila ao fonema /θ/, o fonema /n/ converte-se no alofone [n̠]²¹.

ALOFONE NASAL UVULAR VOZEADO			
SÍMBOLO	CONTEXTO DE APARIÇÃO	EXEMPLO	
[N]	Antes de fonema fricativo uvular desvozeado [χ] [n] + [χ] = [Nχ]	<i>ingirse</i> [fin.χir.ʃe]	<i>bien gitano</i> [bjen.χi.ta.no]
		<i>injusto</i> [in.χuʃ.ʔo]	<i>en Jaén</i> [en.χa.ʔen]

Quadro 5: exemplos de assimilação fonética de articulação uvular. Quando se assimila ao fonema /χ/, o fonema /n/ converte-se no fonema [N]²².

²¹ Esta assimilação fonética ocorre apenas no espanhol europeu, em zonas específicas onde fonema [θ] aparece.

²² Esta assimilação fonética ocorre apenas na pronúncia do espanhol europeu setentrional (centro-nordeste).

ALOFONE NASAL PALATAL VOZEADO		
SÍMBOLO	CONTEXTO DE APARIÇÃO	EXEMPLO
[ɲ]	Antes de fonema aproximante palatal vozeado [j] [n] + [j] = [ɲj]	<i>Antonio</i> [aɲ.'to.ɲjo]
	Ocorre no <i>yeísmo</i> do espanhol europeu setentrional. Antes de fonema fricativa palatal vozeado [j̞] [n]+[j̞] = [ɲj̞]	<i>un llanto</i> [uɲ.'jaɲ.to]
	Ocorre no <i>yeísmo</i> do espanhol europeu meridional. Antes de fonema africado meio-palatal vozeado [ɲ̟] [n]+[ɲ̟] = [ɲ̟ɲ̟]	<i>con yerba</i> [koɲ.'ɲ̟er.βa]
	Ocorre no <i>yeísmo</i> do espanhol americano (norte e sul) excetuando a região rioplatense. Antes de fonema africado alveopalatal vozeado [ɲ̟̞] [n]+[ɲ̟̞] = [ɲ̟̞ɲ̟̞]	<i>un lloro</i> [uɲ.'ɲ̟̞o.ro]

Quadro 6: exemplos de assimilação fonética de articulação palatal. Quando se assimila aos fonemas /j/, /j̞/, /ɲ̟/ e /ɲ̟̞/, o fonema /n/ converte-se no alofone [ɲ].

ALOFONE NASAL BILABIAL VOZEADO		
SÍMBOLO	CONTEXTO DE APARIÇÃO	EXEMPLO
[m]	Antes fonema de oclusivo bilabial desvozeado [p] [n] + [p] = [mp]	<i>un penar</i> [um.pe.'nar]
	Antes de fonema oclusivo bilabial vozeado [b] [n] + [b] = [mb]	<i>invierno</i> [im'bjer.no]
		<i>un beso</i> [um.'be.ʂo]

Quadro 7: exemplos de assimilação fonética de articulação bilabial. Quando se assimila aos fonemas /b/ e /p/, o fonema /n/ converte-se no alofone [m].

ALOFONE NASAL LABIODENTAL VOZEADO		
SÍMBOLO	CONTEXTO DE APARIÇÃO	EXEMPLO
[ɱ]	Antes de fonema fricativo labiodental desvozeado [f] [n] + [f] = [ɱf]	<i>infinito</i> [iɱ.fi'ni.to]
		<i>sin fin</i> [siɱ.fin]

Quadro 8: exemplos de assimilação fonética de articulação labiodental. Quando se assimila ao fonema /f/, o fonema /n/ converte-se no alofone [ɱ].

FONEMA NASAL ALVEOLAR VOZEADO E SEUS ALOFONES NO ESPANHOL			
GRAFEMA	FONEMA	ALOFONES	ARTICULAÇÃO
n	/n/	[m]	Nasal bilabial vozeada
		[ɱ]	Nasal labiodental vozeada
		[n]	Nasal alveolar vozeada
		[ŋ]	Nasal velar vozeada
		[nʲ]	Nasal palatizado vozeada
		[ɲ]	Nasal dental vozeada
		[ɲ̟]	Nasal palatal vozeada
		[ɲ̠]	Nasal avançada vozeada
		[ɴ]	Nasal uvular vozeada

Quadro 9: Resumo de todos os alofones do fonema /n/ no espanhol.

5 Considerações finais

Nossa experiência tem mostrado, diariamente, que nossas hipóteses estão, até o momento, em um caminho com mais acertos que erros. Acreditamos que os resultados obtidos, com alunos que aprendem espanhol como segunda língua, possa ser eficaz também com cantores.

Objetivamos, futuramente, a construção e publicação de um caderno de exercícios específicos para complementar nossa primeira obra. Desejamos, para isso, a realização de uma investigação mais detalhada, no campo didático e da neurocognição, como também a experimentação dos exercícios que estamos criando, numa escala maior em número de pessoas e o acréscimo de um grupo de cantores, visando à comprovação, ou não, da eficácia do nosso novo material didático.

Referências

GUASTAVINO, Carlos. *La rosa y el sauce*. Buenos Aires: Editorial Ricordi Americana, 1949.

HUALDE, José Ignacio; Colina, Sonia. *Los sonidos del español*. Nova York: Cambridge University Press, 2014.

OLIVÉ, Dolors Poch. *Fonética para aprender español: Pronunciación*. 2ª. ed. Madri: Edinumen, 1999.

ROSA, Zelma Amaral da. *Manual de Dicção do Espanhol para Brasileiros*. Rio de Janeiro, 2019. 54f. Dissertação (Mestrado Profissional em Música). Escola de Música, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019a. Disponível em: < <https://promus.musica.ufrj.br/index.php/estrutura-curricular/pesquisas-encerradas/?&pesquisa=32#dissertacao>>. Acesso em: 08 ago. 2019.

ROSA, Zelma Amaral da. *Manual de Dicção do Espanhol para Brasileiros*. Rio de Janeiro, 2019. 223f. Produto pedagógico. (Mestrado Profissional em Música). Escola de Música, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019b. Disponível em: < <https://promus.musica.ufrj.br/index.php/estrutura-curricular/pesquisas-encerradas/?&pesquisa=32#produto-artistico-ou-pedagogico>>. Acesso em: 06 set. 2019.

SILVA, Thaiz Cristóforo. *Fonética e Fonologia do Português*. São Paulo: Editora Contexto, 2001.

TOMATIS, Alfred Angel. *A noite uterina*. Tradução de Edite Caetano. Lisboa: Instituto Piaget, 1999a.

TOMATIS, Alfred Angel. *L'orecchio e il linguaggio*. Tradução de Laura Merletti. 3ª. ed. Milão: Ibis, 2008.

TOMATIS, Alfred Angel. *L'oreille et la vie*. 3ª. ed. Paris: Librairie Générale Française, 1999b.

TOMATIS, Alfred Angel. *Todos nascemos políglotas*. Tradução de Fátima e Carlos Gaspar. Lisboa: Instituto Piaget, 1994. Nous sommes tous nés polyglottes (1991).